



Especial

**A QUEDA: OS ÚLTIMOS MESES DE DILMA ROUSSEFF PELAS
PÁGINAS DO JORNAL *FOLHA DE S. PAULO***

Deysi Cioccarì¹

RESUMO: Este trabalho analisa a cobertura do processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff de acordo com o jornal *Folha de S. Paulo*. Nossa análise teve início em 15 de abril de 2016, dia em que os deputados abriram uma sessão para verificar a admissibilidade do processo, até 31 de agosto de 2016, quando os senadores votaram pelo afastamento definitivo da então presidente. Analisamos a editoria Poder do jornal e nos apoiamos nas teorias de agendamento e enquadramento.

PALAVRAS-CHAVE: *Comunicação. Dilma Rousseff. Impeachment. Mídia. Política.*

¹ Doutoranda em Ciências Sociais (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) E-mail: deysioccari@gmail.com

1. Introdução

Reeleita no segundo turno da eleição de 2014 com 51,64% dos votos válidos, Dilma Rousseff iniciou seu segundo mandato como presidente enfraquecida graças principalmente às crises econômica e política, o que a levou a atingir 9% de aprovação em uma pesquisa do Ibope realizada em julho do mesmo ano, o mais baixo índice de aprovação para um Presidente da República. Desde 15 de março de 2015, diversos protestos reuniram milhares de pessoas em todo o país para pedir, entre outras demandas, o *impeachment* ou a renúncia da presidente. Depois de vários questionamentos de juristas² e partidos políticos, na manhã de 15 de abril, os deputados abriram uma sessão para analisar a admissibilidade do processo. Haveria outra sessão no dia seguinte, sábado, e a votação ocorreria domingo, 17 de abril. A sessão foi encerrada às 18 horas e 55 minutos do sábado (16 de abril), o que fez com que entrasse para a história como a maior sessão da história da Câmara dos Deputados. Foi a partir desta data que iniciamos nossa análise do jornal *Folha de S. Paulo*. Em 31 de agosto, quarta-feira, o plenário do Senado condenou Dilma Rousseff à perda de seu cargo por 61 votos a 20, sob a acusação de ter cometido crime de responsabilidade fiscal. Houve uma segunda votação para decidir se Dilma deveria perder seus direitos políticos, com placar de 42 votos favoráveis e 36 desfavoráveis. Nossa análise então, encerrou-se em 31 de agosto de 2016.

169

Nossa pesquisa primeiramente foi de cunho quantitativo: desde 15 de abril selecionamos todas as matérias principais da editoria *Poder* do jornal *Folha de S. Paulo*, destacamos quem foram os personagens destas matérias e quais as palavras mais utilizadas nesses textos, conforme tabela abaixo. Focamos na cobertura da Página Editorial onde qualquer item na posição do editorial principal (o canto superior esquerdo da página editorial), mais todos os itens em que um terço (pelo menos cinco parágrafos) de um comentário editorial ou de um colunista era dedicado à cobertura política. Essa análise foi feita durante todos os dias do processo, ou seja, de 15 de abril de 2016 à 31 de agosto de 2016. Todas as tabelas estão disponíveis no site <http://ciocari.com>.

² Até setembro de 2015, houve 37 pedidos de impeachment protocolados na Câmara dos Deputados contra Dilma Rousseff, mas o presidente da Casa acolheu apenas o pedido redigido por Hélio Bicudo e pelos advogados Miguel Reale Júnior e Janaina Conceição Paschoal.

DATA	NOTÍCIA	PERSONAGEM	PALAVRAS-CHAVE
15/4	STF derrota Dilma e rejeita adiar voto do impeachment	Dilma Rousseff Jose Eduardo Cardoso	Impeachment, base aliada, partidos
16/4	Governo faz última ofensiva para tentar barrar impeachment	Dilma Rousseff Kassab	Impeachment, aliados, PMDB
17/4	Dilma e Temer caçam os últimos votos em duelo do impeachment	Dilma Rousseff Michel Temer	Impeachment, poder, votos
18/4	Câmara dá aval ao impeachment de Dilma Rousseff	Dilma Rousseff	Impeachment, processo, Câmara dos Deputados, pedaladas fiscais

Fig 1: Tabela Notícias Jornal Folha de S. Paulo / Abril

Nosso objetivo foi identificar o enquadramento e o agendamento do jornal e quais personagens mais apareceram. Posteriormente realizamos uma análise qualitativa. Com a seleção das palavras que mais apareceram nos textos, buscamos compreender mais especificamente o agendamento do jornal. Além disso, também selecionamos imagens fotográficas a matérias que nos esclarecessem como a *Folha de S. Paulo* participou desse momento histórico na política brasileira. Mauro Porto (2002), um dos teóricos que usaremos neste trabalho, argumenta que já no início da década de 1980, Robert Hackett (1993) afirmava que os conceitos de parcialidade e objetividade e todas as suas noções afins (distorção, deturpação) constituem um suporte teórico frágil, um paradigma em declínio. De acordo com Hackett, já não é suficiente pressupor a possibilidade da comunicação imparcial, de conteúdos objetivos e independentes do mundo exterior. Ainda que estes conceitos mantenham seu valor normativo e empírico, Hackett argumenta que a investigação do papel da mídia necessita avançar. Uma das medidas por ele proposta é a substituição do conceito de "parcialidade" pelo de "orientação estruturada".

A noção de orientação estruturada inclui alguns aspectos característicos da ideia de parcialidade (favoritismo, distorção,

etc.), mas é muito mais abrangente, já que inclui "vários tipos de orientações e relações sistemáticas que, inevitavelmente, estruturam os relatos noticiosos" (HACKETT, 1993, p. 128).

Segundo Hackett, um dos fatores mais importantes da "estrutura profunda" que rege a produção do noticiário são os "enquadramentos" aplicados pelos jornalistas em seus relatos (pp. 120-122). Idealmente, a pesquisa do *Framing* examina como os enquadramentos são patrocinados por atores políticos, como jornalistas empregam enquadramentos na construção de histórias noticiosas, como essas articulam enquadramentos e como a audiência os interpreta. Carragee e Roefs (2004, p. 215) citam Pan e Kosicki como uma boa definição do conceito: "*Framing*, portanto, pode ser estudado como uma estratégia de construção e processamento do discurso noticioso ou como uma característica do discurso em si". Apesar de caracterizações específicas sobre os enquadramentos diferirem, as definições significativas enfatizam as formas como eles organizam histórias noticiosas e outros discursos através de seus padrões de seleção, ênfase, interpretação e exclusão. Enquadrar é selecionar alguns aspectos da realidade percebida e os colocar em destaque num texto comunicativo. Aplicada à agenda midiática, um enquadramento é "a ideia central que organiza o conteúdo noticioso que por sua vez fornece um contexto e sugere sobre o que o assunto trata através do uso de seleção, ênfase, exclusão e elaboração" (McCOMBS, 2009, p.137).

Para este estudo, adota-se o conceito de Entman (1993), que afirma:

Enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes no texto comunicativo de modo a promover uma definição particular de um problema, interpretação causal, avaliação moral e/ou um tratamento recomendado para o item descrito (1993, p.52).

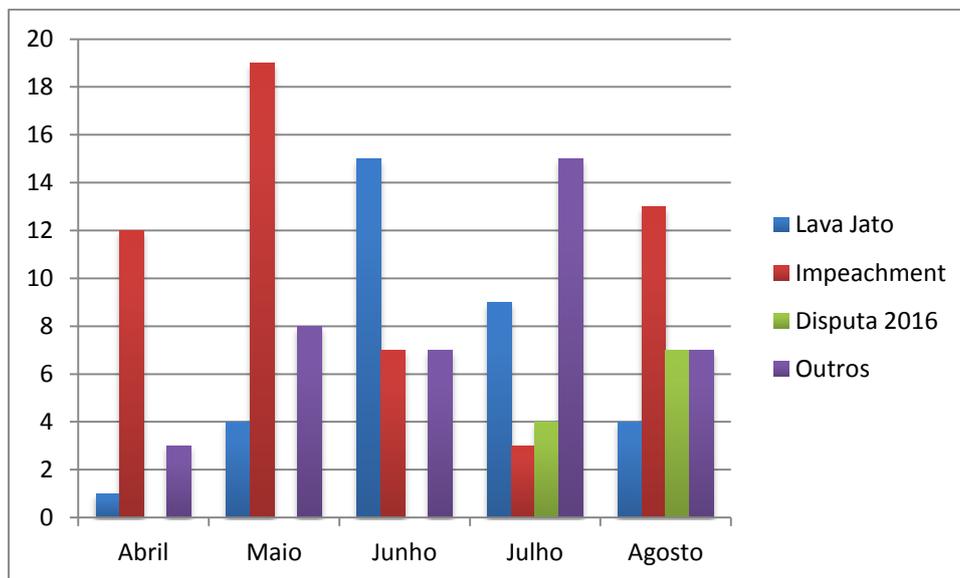
O Agendamento teve seu início em um insight sucinto e em seguida foi explorado exhaustivamente por pesquisas e investigadores da sua área de conhecimento. A partir de uma hipótese simples sobre os efeitos dos meios de comunicação de massa na atenção do público sobre determinados temas – em especial sociais e políticos – o pressuposto expandiu-se e, alcançando o status de teoria, incluiu proposições sobre condições dos efeitos observados, influências que estabelecem a agenda dos media, o impacto dos elementos específicos das mensagens e uma variedade de consequências do

processo de agendamento como um todo. Sendo, portanto, uma teoria sobre a transferência da saliência/proeminência das imagens dos meios de comunicação sobre o mundo às imagens da nossa cabeça (McCOMBS, 2009), a *Agenda-setting* é a compreensão de que grande parte da realidade social é fornecida às pessoas pelos media, logo se expõem assim suas opiniões. Além disso, os elementos enfatizados na agenda midiática acabam tornando-se igualmente importantes para o público. Segundo McCombs (2006), quanto maior é a necessidade de orientação dos indivíduos no âmbito dos assuntos públicos, maior é a probabilidade de que se preste atenção à agenda dos meios de comunicação. Com esta ampliação do conceito, entende-se, então, que os meios de comunicação dizem à audiência não só sobre o que pensar, mas também como pensar sobre os objetos (McCOMBS, 2009). Segundo Ghanem (1997 apud KIOUSIS *et al.*, 1999), o aumento na cobertura da imprensa de certos atributos do objeto pode fornecer ‘argumentos convincentes’ para elevar a importância do objeto na audiência. Esse impacto de atributos na importância do objeto é um fator essencial no agendamento que precisa ser mais explorado. Uma notícia positivamente contada, por exemplo, pode direcionar uma avaliação positiva por parte do público. Alguns pesquisadores obtiveram evidências convincentes correlacionando atributos afetivos realçados pelos media a atributos afetivos realçados pelo público.

2. A queda de Rousseff: uma análise das páginas do jornal *Folha de S. Paulo*

Na virada para o século XXI, nas sociedades urbanas, o consumo de mídia era uma das duas maiores categorias de dispêndio de tempo, atrás apenas do trabalho (CASTELLS, 1999, p. 358). Hoje em dia, as informações chegam ao nosso cotidiano o tempo todo, não mais somente pelos jornais e televisão, mas por todos os acessórios que usamos: *tablets*, *smarthphones*, computadores e propaganda em *sites* cujos quais entramos para ler as notícias. Na política, o papel desses meios é fundamental. Como bem afirma Luis Felipe Miguel (2004), a mídia tornou-se o principal instrumento de contato entre a elite política e os cidadãos comuns. As consequências desse fato são importantes: ele significa que o acesso à mídia substitui esquemas políticos tradicionais e, notadamente, reduz o peso dos partidos políticos. Ainda de acordo com o autor, a mídia é o principal responsável pela produção da agenda pública, um momento crucial

do jogo político. A pauta de questões relevantes, postas para a deliberação pública, é em grande parte condicionada pela visibilidade de cada questão nos meios de comunicação. Dito de outra maneira, a mídia possui a capacidade de formular as preocupações públicas. O impacto da definição de agenda pelos meios de comunicação é perceptível não apenas no cidadão comum, que tende a entender como mais importantes as questões destacadas pelos meios de comunicação, mas também no comportamento de líderes políticos e de funcionários públicos, que se veem na obrigação de dar uma resposta àquelas questões. Nesse sentido, nossa análise busca contribuir com os estudos da mídia e da política. Primeiramente, vamos analisar a pauta do jornal Folha de S. Paulo no período de 15 de abril de 2016 à 31 de agosto de 2016.



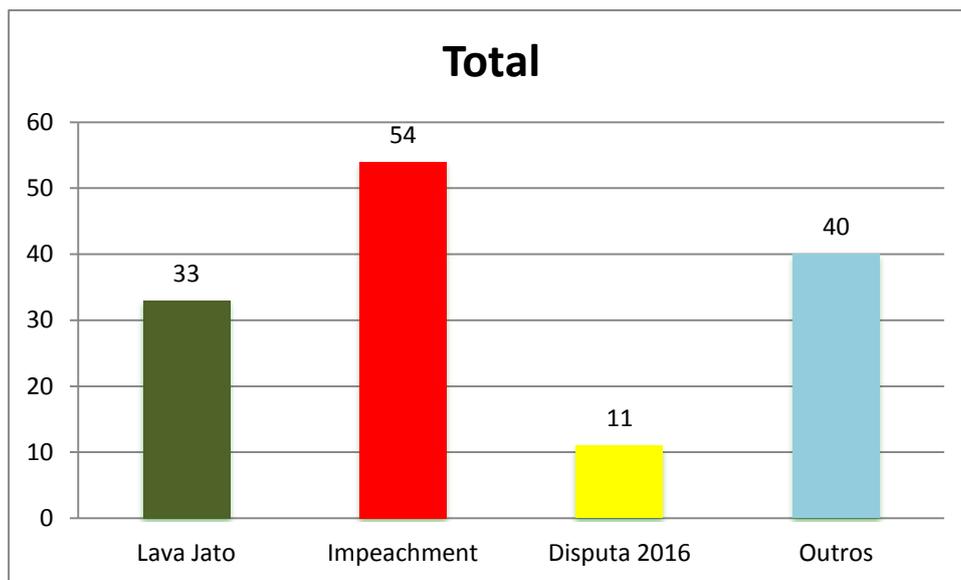
Fonte: Autora

Fig 2: Temas mais abordados na editoria Poder do Jornal *Folha de S. Paulo*/ mês a mês

Vale ressaltar que no mês de abril nossa análise começou no dia 15. Das dezesseis matérias analisadas, 12 foram sobre o processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma, ou seja, quase a totalidade.

No total, o tema mais abordado pelo jornal, durante o período de abril a agosto, foi o *impeachment* da ex-presidente. Para definir essa categoria, listamos as matérias que continham no título a palavra específica *impeachment* ou que ao longo do texto tratassem sobre o processo. A Operação Lava Jato aparece em segundo lugar com 33

menções. Nessa categoria englobamos as matérias que tratassem de qualquer fase da Operação Lava Jato, bem como das operações da Polícia Federal. Quando a Operação Zelotes era citada, quando delações apareciam ao longo do texto, também categorizamos como Lava Jato. No assunto “Outros” incluímos temas ligados ao governo estadual e ao governo Temer, ainda provisório. Assuntos como montagem do governo Temer, queda de ministros foram incluídos nessa categoria.



Fonte: Autora

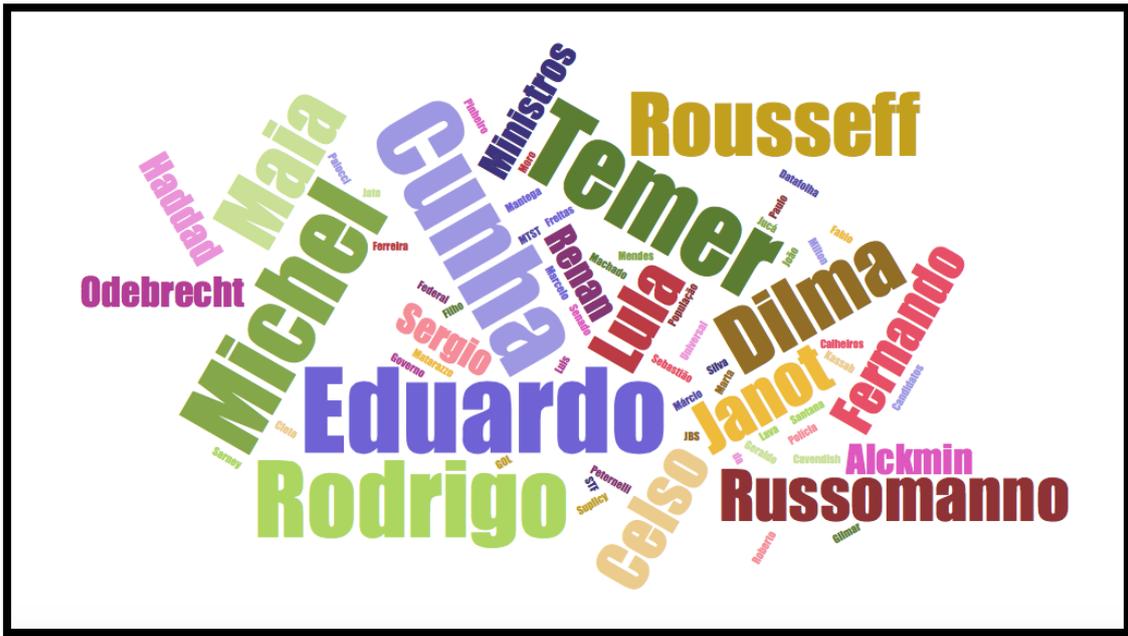
Fig 3: Total de temas mais abordados na editoria Poder de abril à agosto de 2016

Nesse sentido, podemos perceber que o agendamento do jornal (agendamento de mídia) deu-se basicamente na cobertura do *impeachment* da presidente Dilma e da Operação Lava Jato. Mesmo quando o período eleitoral teve início, a pauta das eleições municipais ficou não em segundo, mas em terceiro lugar. Ferreira (2000, p. 13) explica que a imposição do agendamento forma-se através de dois vieses: a "tematização proposta pelos mass media", conhecida como ordem do dia, que serão os assuntos propostos pela mídia e que se tornarão objeto das conversas das pessoas, da agenda pública e a hierarquização temática, que são os temas em relevo na agenda da mídia e que estarão também em relevo na agenda pública, assim como os temas sem grande relevância estabelecida pelos *mass media* terão a mesma correspondência junto ao público.

Os mass media centram a atenção em certas questões. Constroem imagens públicas de figuras políticas. Apresentam constantemente objetos que sugerem em que deveríamos pensar, o que deveríamos

saber e o que deveríamos sentir...Os materiais que os meios de comunicação selecionam podem nos dar uma semelhança de um 'conhecimento' do mundo político (LANG e LANG, 1966 In: MORAGAS, 1985, pp.89-90).

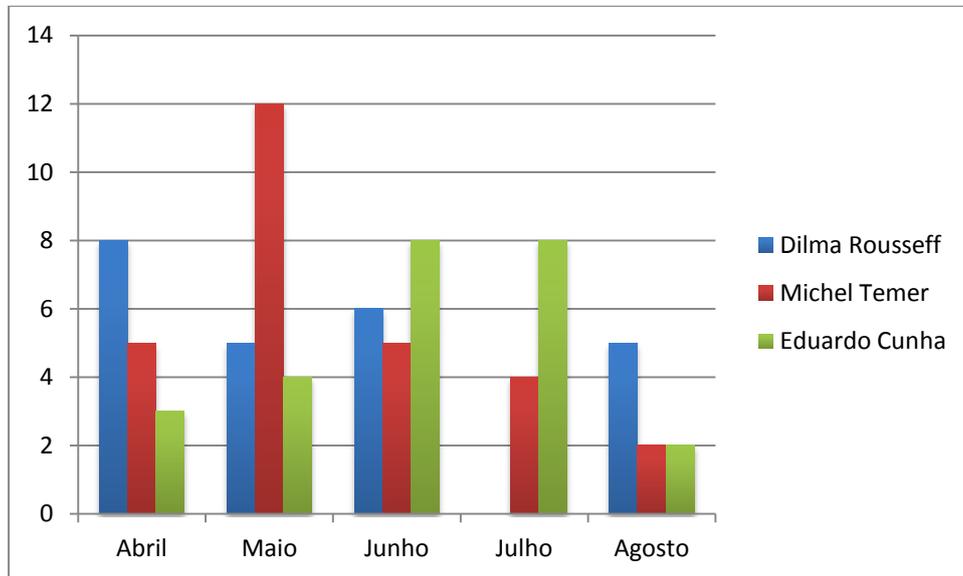
Mas e os personagens principais da *Folha de S. Paulo* durante esse período? Na nossa análise selecionamos todos os principais personagens de cada matéria. Como o número extrapola os 30 ou 31 dias de um mês, visto que em algumas matérias eram dois ou até mesmo três os personagens, optamos por formar uma nuvem de palavras para se ter mais noção visual de quem foram os personagens políticos no agendamento do jornal. Em estudos realizados por autores brasileiros (GOLEMBIEWSKI, 2001; JAHN, 2001; HOHLFELDT, 1997), alguns conceitos básicos são apontados e utilizados para determinar o efeito do *agenda setting*. Baseado em estudos anteriores, Hohlfeldt (1997, pp. 49-50) aponta os seguintes conceitos: acumulação, capacidade que a mídia tem de dar relevância a um determinado tema, destacando-o do imenso conjunto de acontecimentos diários; centralidade, capacidade que os mídias têm de colocar como algo importante determinado assunto e a tematização, está implicitamente ligado à centralidade, pois é a capacidade de dar o destaque necessário (sua formulação, a maneira pela qual o assunto é exposto), de modo a chamar a atenção. Um dos desdobramentos deste item é a suíte de uma matéria, ou seja, múltiplos enfoques que a informação vai recebendo para manter presa a atenção do receptor e saliência: valorização individual dada pelo receptor a um determinado assunto noticiado.



Fonte: Autora

Fig 4: Personagens que mais apareceram no jornal *Folha de S. Paulo* de abril a agosto de 2016

Desses que mais apareceram no jornal, separamos os três principais: Dilma Rousseff, Eduardo Cunha e Michel Temer para analisar como apareceram na editoria Poder.



Fonte: Autora

Fig 5: Quantidade de vezes que Dilma Rousseff, Michel Temer e Eduardo Cunha apareceram na editoria Poder

As pessoas apenas enxergam o mundo através de uma moldura de uma janela. Se a moldura da janela é muito pequena, as pessoas já enxergarão uma pequena parte do mundo. Se a janela na parede é voltada para o oeste, as pessoas apenas enxergarão o oeste. Em outras palavras, a mídia pode mostrar apenas uma pequena parte do mundo a partir de um particular ponto de vista. (PARK, 2003, p.145, tradução nossa)

Numa outra análise percebemos que todas as vezes que Dilma Rousseff aparece nas páginas do jornal seu nome é ligado à palavras como *impeachment*, pedaladas fiscais, delação e crime de responsabilidade.



Fonte: Autora

Fig 7: Palavras mais associadas a Dilma Rousseff no jornal Folha de S. Paulo

No caso de Michel Temer, a palavra que mais aparece também é impeachment, seguido de Ministério (inclui-se aqui as tratativas para nomeações e a queda de dois ministros num período de vinte dias, “centrão”, em relação ao apoio que ele deveria receber na votação do impeachment de Dilma Rousseff e “congresso”). As palavras já não apresentam o viés negativo tão forte quanto no caso de Rousseff.



Fonte: Autora

Fig 8: Palavras mais associadas a Michel Temer no jornal Folha de S. Paulo

A organização dos termos e o reforço de tais palavras constrói as notícias. Ao interpretar a literatura de Goffman, Porto (2002) afirma que “tendemos a perceber os eventos e situações de acordo com enquadramentos que nos permitem responder à pergunta: ‘O que está ocorrendo aqui?’”. Nessa análise até agora percebemos que ocorre o *impeachment* de uma presidente, com desdobramentos na Câmara (Eduardo Cunha) e no qual as investigações da Polícia Federal (Operação Lava Jato) parecem acelerar esse processo. Venício Lima (2004 a) afirma que não há política sem mídia. Segundo o autor, a política nos regimes democráticos é (ou deveria ser) uma atividade eminentemente pública e visível. E é a mídia que, de acordo com Lima, define o que é público no mundo contemporâneo. “Na verdade, a própria idéia do que constitui um “evento público” se transforma a partir da existência da mídia” (2004 a, p. 45).

Num segundo momento da pesquisa procuramos analisar qualitativamente o enquadramento dos textos, os diferenciando em positivos e negativos, numa tentativa de entender o direcionamento do jornal para o tema *impeachment*. Em 18 de abril, o jornal informa que a Câmara dos Deputados autoriza o processo de afastamento da presidente Dilma Rousseff.



Fig 9: Fonte: Jornal *Folha de S. Paulo* / 18 abril 2016

Nossa análise é centrada na editoria Poder, mas nesse caso, a capa é um recorte do que veremos na página 8 do jornal *Folha de S. Paulo*. As principais manchetes não somente anunciam o início do processo de impeachment como apontam como certa a destituição da presidente quando fala em “levar o caso ao Supremo”.

FOLHA DE SP
 Poder
 PAINEL
 De olho na reforma
 Como o impeachment afeta o Brasil? Tem a ver com a reforma da Previdência Social, com o novo modelo de votação no Senado, com a possibilidade de impeachment de ministros e com a possibilidade de impeachment de ministros e com a possibilidade de impeachment de ministros...



'Agora vem a parte mais difícil', afirma Temer a aliados
 Se assumir o lugar de Dilma, vice-embasada a grave crise econômica, os desdobramentos da Lava Jato e a ação do TSE

Assessores de Temer...
 O ministro da Justiça...
 O ministro da Saúde...

Câmara dá aval ao impeachment de Dilma Rousseff

ABERTURA DE PROCESSO É APROVADA COM VOTO DE 367 DEPUTADOS
ALIADOS DESERTIAM GOVERNO, QUE OBTÉM APENAS 137 VOTOS
SENADO TERÁ DE CONFIRMAR DECISÃO PARA DILMA SER ABSTIDA
TEMER DIZ QUE PARTE DIFÍCIL VEM AGORA; PT FALA EM 'JUSTIÇA'

...a sessão de abertura do processo de impeachment de Dilma Rousseff...
 ...o presidente da Câmara...
 ...o ministro da Justiça...



Assessores de petista já falam em levar caso ao Supremo

Em entrevista após o resultado, ministro da AGU disse que a presidente 'não se curvava' à decisão da Câmara

Assessores de petista...
 O ministro da AGU...
 O ministro da Justiça...

Fig 10:Fonte: Editoria Poder, Jornal Folha de S. Paulo / 18 de abril 2016

O texto da principal manchete destaca “a festa” que tomou conta do Plenário no momento em que o voto do último parlamentar inscrito confirmou o processo de afastamento e o “buzinação” que tomou conta das ruas.

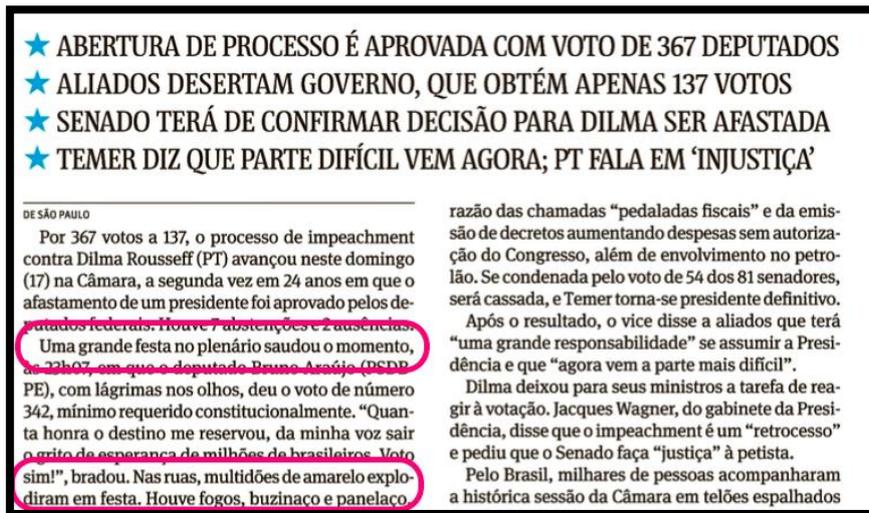


Fig 11: Fonte: Jornal Folha de S. Paulo / 18 de abril 2016

Em 26 de abril o jornal apresenta uma entrevista com o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. No título da matéria o jornal já menciona o “governo Temer”. Reiterando o conteúdo do jornal no dia 18 de abril, a Folha de S. Paulo diz como pensar: o *impeachment* da presidente é algo que não tem volta. Já se fala no governo Temer como algo certo. O PSDB já pensa em cargos e Temer já negocia ministérios. Não há espaço para dúvidas.



Fig 12: Fonte: Jornal Folha de S. Paulo/ 26 abril 2016

Em 11 de maio a editoria Poder destaca que “Dilma deverá ser afastada em votação hoje no Senado”. A imagem é da ex-presidente sendo amparada por assessores. Há, novamente, uma trivialização do assunto: *o impeachment* é algo certo.



Fig 13: Fonte: Jornal Folha de S. Paulo / 11 maio 2016

Durante os meses de junho e julho, o jornal deu destaque à cassação do ex-presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha. Se observarmos a figura que demonstra “Temas mais abordados na editoria Poder do Jornal Folha de S. Paulo/ mês a mês” percebemos que no mês de junho, a Operação Lavo foi o assunto que mais constou na pauta do jornal. Em julho, aparece o tema “Outros” no qual incluímos as negociações de Michel Temer para seu novo governo. Nesse mês, seu governo interino perdeu dois ministros em função de corrupção, casos que o jornal deu amplo destaque.

Na figura “Quantidade de vezes que Dilma Rousseff, Michel Temer e Eduardo Cunha apareceram na editoria Poder” percebemos que em junho, o personagem principal do jornal foi Eduardo Cunha, ex-presidente da Câmara. Em julho, segue o processo de cassação de Cunha, com o nome do hoje presidente Michel Temer em segundo. A ex-presidente Dilma Rousseff não aparece no gráfico. O processo de cassação de Cunha faz pensar que o país está atolado numa crise em que somente uma mudança pode resolver. Na cobertura dos escândalos envolvendo a Câmara, o direcionamento para que somente um novo governo pode salvar o país. Mas no mês de agosto, conforme os dois gráficos demonstram, a ex-presidente e o processo de *impeachment* voltam à pauta do jornal. Em 31 de agosto, o jornal já fala na posse do então presidente interino Michel Temer.



Fig 14: Fonte: Jornal Folha de S. Paulo / 31 agosto 2016

Nas nossas análises percebemos que todas as vezes que o nome da presidente Dilma Rousseff apareceu no jornal ele foi associado a palavras como *impeachment*, corrupção ou Operação Lava Jato. Percebemos também que não houve cobertura do governo como Estado. Todo o material na editoria Poder foi em relação ao processo de afastamento ou tratativas de Temer para consolidar o próximo governo. Isso diz muito

sobre o que pensar. Em muitas vezes, como observamos no trabalho, Temer foi tratado como o presidente de fato, e não interino.

Considerações Finais

Seguindo a substituição do conceito de "parcialidade" pelo de "orientação estruturada" a que Hackett propõe, percebemos nas páginas do jornal *Folha de S. Paulo*, nos meses de abril a agosto, um favoritismo ao processo de impeachment da presidente. Por várias vezes, conforme demonstrado neste trabalho, foi possível notar que o veículo tratou, não como um “possível governo temer”, mas já um “governo” antes mesmo da votação. No artigo seminal que lançou as bases da teoria da agenda setting, McCombs e Shaw (1972, p. 177) afirmam, baseados em Bernard Cohen, que a mídia pode não ter muito sucesso em dizer às pessoas o que pensar, mas seria muito eficiente em determinar sobre o que as pessoas devem pensar. Se seguirmos esse parâmetro, o jornal deixou claro que seu público deveria pensar sobre o *impeachment* como algo iminente. Poderíamos citar aqui um enquadramento de trivialização, visto que o tema esteve presente em quase todas as edições do jornal. Quando o assunto *impeachment* não era o tema principal, a corrupção e as investigações de operação Lava Jato mostravam que algo precisava ser feito. Matérias citando a crise indicavam que somente um novo governo poderia resolver os problemas mais urgentes. E, em seguida víamos um texto sobre como Michel Temer estava montando seu novo governo. A *Folha de S. Paulo* apontava claramente o problema (Dilma Rousseff), os seus desdobramentos, como as pedaladas fiscais e direcionava para uma saída (Michel Temer e suas tratativas).

Buscamos, com esse trabalho, através de análises quantitativas e qualitativas, entender o agendamento do jornal *Folha de S. Paulo* e sobre o que o veículo nos inclinou a pensar. Entendemos que a mídia não só fornece os temas sobre os quais os públicos/eleitores devem pensar, colocando-os em categorias semantizadoras determinadas; como também, age como um dispositivo de produção do próprio poder de nomeação e, no limite, também de funcionamento da própria esfera política. Assim, parece estar havendo um consenso de que a antiga fórmula da centralidade política das comunicações foi substituída por uma proposta de centralização das comunicações na atividade política. Dessa forma, tanto no nível do intercâmbio político como no do

simbólico, o funcionamento do sistema político nas democracias da sociedade moderna está sendo cada vez mais determinado pela mídia.

Referências Bibliográficas

CASTELLS, M. 1999. **A sociedade em rede**. São Paulo : Paz e Terra.

ENTMAN, R.M. 'Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm', **Journal of Communication**, 1993, 43(4): 51-8.

GOLEMBIEWSKI, Carlos. **O Impeachment na mídia**: o caso Paulo Afonso em Santa Catarina. Disponível em: <http://cehcom.univali.br/monitordemidia/artigos/golemba.pdf>
Acesso em: 22 jul. 2002.

GOFFMAN, E. **Frame Analysis**. New York: Harper & Row, 1974.

GOMES, Pedro Gilberto. COGO, Denise Maria. **O adolescente e a televisão**. Porto Alegre: Editora Unisinos, 1998.

HOHLFELDT, Antônio. **Os estudos sobre a hipótese de agendamento**. Revista Famecos, Porto Alegre, n. 7, p. 42-51, nov. 1997. JAHN, Carlos Alberto. Hipótese Agenda Setting: estudo do caso "apagão" segundo Zero Hora. Porto Alegre: PUCRS, 2001. Trabalho de Pós-Graduação não publicado, Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2001.

KIOUSIS, Spiro; BANTIMAROUNDIS, Philemon; BAN, Hyun. **Candidate Images Attributes**: experiments on the substantive dimension of second level agenda setting. *Communication Research*, vol 26, n. 4, p. 414-428, ago. 1999.

LAGE, N. **Controle da opinião pública**: um ensaio sobre a verdade conveniente. Petrópolis: Vozes, 1998.

LANG, K.; LANG, G. Los mass media y las elecciones, 1966 In: MORAGAS, M. de (ed). **Sociología de la Comunicación de Masas**: propaganda política y opinión pública. Barcelona: Gustavo Gili, 1985. 3v.

LIMA, V. A. **Mídia**: teoria e política. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

MCCOMBS, M.; LOPEZ-ESCOBAR, E.; LLAMAS, J.P.. Setting the agenda of attributes in the 1996 Spanish general election, **Journal of Communication**, 50(2), 2000, p. 77-92.

MCCOMBS, M.; SHAW, D. The agenda-setting function of mass media, **Public Opinion Quarterly**, 36, 1972, 176-187.

MCCOMBS, M. **A Teoria da Agenda**. A mídia e a opinião pública. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. The Agenda-Setting Role of the Mass Media in the Shaping of Public Opinion, 2002. Disponível em: sticerd.lse.ac.uk/dps/extra/McCombs.pdf. Acesso em: 26 de jul. de 2010.

_____. **Estableciendo la agenda.** El impacto de los médios en la opinión pública y en el conocimiento. Barcelona: Paidós Comunicación, 2006.

PORTO, M. P. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIM, A.A. (Org.). **Comunicação e Política: conceitos e abordagens.** Salvador: EdUFBA, 2004. p. 73-104.

_____. **Interpretando o mundo da política:** perspectivas teóricas no estudo da relação entre psicologia, poder e televisão. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 23, 1999, Caxambu, MG.